



EDITORIAL

A Iniciativa Direito à Memória e Justiça Racial—IDMJR é uma organização que atua com ações de enfrentamento à violência de Estado.

Buscamos debater Segurança Pública na Baixada Fluminense a partir da centralidade do racismo. Pois, a estrutura racista do Estado define as diferentes faces do genocídio para populações negras de periferias, subúrbios e favelas.

Nossa atuação territorial é desenvolvida na região da Baixada Fluminense - RJ e busca construção de políticas de segurança pública pautada na vida, na garantia do direito à memória para vítimas e familiares da violência de Estado com centralidade no enfrentamento ao racismo estrutural e reivindicação por justiça racial.

A IDMJR é composta por uma equipe de diferentes campos dos saberes que produz contranarrativas sobre violência de Estado e da luta antirracista nas periferias.

Equipe IDMJR

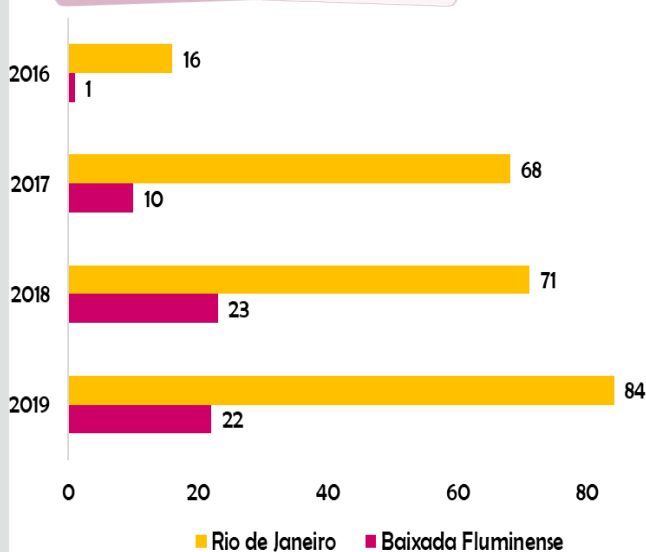
Nós por Nós!

BOLETIM IDMJR II.2020

Feminicídios e a política de Segurança Pública NA BAIXADA FLUMINENSE

O feminicídio trata-se do assassinato de mulheres devido a sua condição de gênero, são mortes violentas de mulheres motivadas pelo menosprezo e discriminação ao sexo feminino. Em 2019 foram registrados 84 feminicídios no Rio de Janeiro, aproximadamente 30% desses assassinatos ocorreram somente na Baixada Fluminense, representando um total de 23 mortes femininas. Em relação as tentativas de Feminicídio, os casos mais que triplicaram quando comparado ao ano de 2018, passando de 22 para 74 casos de tentativas de execuções de mulheres na Baixada.

FEMINICÍDIOS NA BAIXADA



Fonte: ISP; Elaboração Própria

Ao longo de 2018 foram registradas 29 mil ocorrências de violência contra as mulheres, um aumento de 18% em relação ao ano anterior! Sendo 38,8% casos de violência física, 31,3% violência psicológica, 20,5% violência moral, 5% violência sexual e 4% violência patrimonial. Cada ano aumenta mais os casos de violência contra mulheres!

PERFIL DAS VÍTIMAS

No total de ocorrência de violência contra mulheres na Baixada em 2018, 61,4% eram mulheres negras, 36,1% brancas, 0,2% outras 2,2% não informaram a identificação racial. Ou seja, mais da metade das mulheres da Baixada Fluminense que sofrem violência e/ou são assassinadas são mulheres negras.

Em geral, o perfil das vítimas na Baixada são de mulheres negras, entre 30 a 59 anos e com baixa escolaridade. Em 50% dos casos os agressores são companheiros e ex-companheiros das vítimas e utilizam-se de agressões físicas e verbais nos atos de violência contra as mulheres. Porém, a maior parte dos casos de feminicídios e violência contra mulheres não chegam a ter registros oficiais.

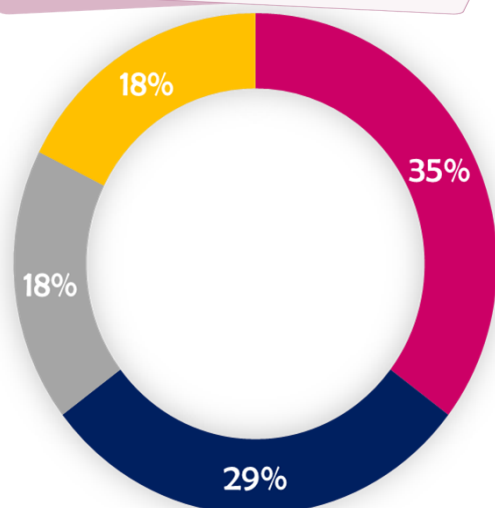
Feminicídios

e a política de Segurança Pública

NA BAIXADA FLUMINENSE

A Baixada Fluminense vivencia um processo de expansão do controle das milícias em todo o seu território. Identificamos que em territórios dominados por milícias ocorrem um aumento nos casos de feminicídios. Atualmente, Belford Roxo lidera o ranking da morte de mulheres com 35% dos casos de feminicídios na Baixada, uma mudança rápida e abrupta. Ademais, ao longo dos anos Duque de Caxias sempre registrou os maiores números dos casos de feminicídios na região. O mesmo movimento ocorreu com São João de Meriti e Itaguaí que registram o crescimento constante de assassinatos de mulheres. São áreas urbanas que justamente passam pela mudança do poderio armado, saindo do controle de frações do tráfico para o comando das milícias. Em que o discurso militarizado de Witzel e Bolsonaro somado a flexibilização do porte de armas favorece a ampliação do aumento nos casos de feminicídios.

ONDE MAIS MORREM MULHERES NA BAIXADA?



■ Belford Roxo ■ Duque de Caxias
■ Itaguaí ■ São João de Meriti

Fonte: ISP; Elaboração Própria

Entendemos a milícia não como um único grupo homogêneo, pelo contrário, há diferentes frações de poder que disputam territórios que são altamente rentáveis. Pois, além da extorsão de comerciantes e a prestação do serviço de agiotagem, os grupos exploram o sinal de TV e internet clandestina, transporte alternativo e até mesmo o controle de equipamentos de serviços públicos como assistência social, habitação e saúde. Recebemos relatos de vítimas de violência que são impedidas de acionar a assistência social quando sofrem agressão física e tentativas de feminicídios. Por conseguinte, os familiares das vítimas passam a viver sob ameaças e intensa vigilância das milícias nos territórios, impactando diretamente na subnotificação dos casos de feminicídios. A IDMJR sistematizou relatos sobre mulheres que foram executadas, esquartejadas, esfaqueadas e tiveram seus corpos jogados em cemitérios clandestinos, rios e rodovias da Baixada Fluminense.

Em um cenário de consolidação da milícia como um projeto político do Estado para áreas suburbanas, faveladas e periféricas. O controle da gestão e organização de políticas sociais nesses territórios predominantemente de negros e pobres são controlados por essas organizações políticas que estão no interior do Estado. Portanto, não é possível realizar o enfrentamento aos casos de feminicídios sem entender o funcionamento da Política de Segurança Pública do Estado. Uma política pautada no racismo institucional e que cotidianamente promove o genocídio do povo preto. Afinal, majoritariamente as mulheres que são assassinadas são negras, pobres, faveladas e periféricas. Não há coincidências.

A IDMJR busca colocar a superação das violências de Estado e racismo institucional e estrutural como centro do debate sobre segurança pública na Baixada Fluminense, entendendo que o direito à vida precisa ser preservado sob qualquer hipótese.



dmjracial.com
direito à memória e justiça racial
dmjracial

"A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos." (Conceição Evaristo)